

# **“NOSSO FILME TEM QUE SER PARA CONSTRUIR A LUTA DO POVO”: UMA CONVERSA COM DÁCIA IBIAPINA E EDSON SILVA**

*Aiano Bemfica  
Cláudia Mesquita  
Vinícius Andrade de Oliveira*

## **Introdução**

*Cadê Edson?*, novo filme de Dácia Ibiapina, se alia aos movimentos sociais de luta por moradia para recontar episódios da história recente de Brasília (DF) de um outro ponto de vista, confrontando o que a grande mídia brasileira consagrou como “verdades”. Referimo-nos especialmente ao episódio do Hotel Torre Palace, desocupado violentamente pela polícia em 2016 em uma operação de guerra que, na defesa de um patrimônio privado, custou uma fortuna aos cofres públicos. As imagens do despejo dos ocupantes do Torre Palace, em parte gravadas pela própria polícia, introduzem e atravessam o filme, trabalhadas na montagem como paradigma da criminalização dos movimentos populares e do conluio com o poder econômico que têm movido historicamente o Estado no Brasil. Elas desvelam, em alguma medida, o modo crescente como grupos e territórios são dispostos ao sofrimento, à violência e ao entreguismo, em proveito do aprofundamento da territorialização e do avanço do capital.

O imóvel, situado no centro da capital brasileira, estava abandonado desde 2013. Em 2015, foi ocupado por cerca de 100 integrantes do MRP (Movimento Resistência Popular), dissidência do MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto) liderada por Edson Francisco da Silva. Desde a primeira sequência, quando monta em paralelo imagens do despejo dos ocupantes do Palace (2016) e planos de manifestantes que comemoravam, em abril de 2018, a rejeição pelo Supremo Tribunal Federal (STF) do pedido de habeas corpus do ex-presidente Lula (abrindo caminho para a sua prisão), o filme de Dácia posiciona a luta popular em um contexto de

recrudescimento das forças de direita que culminou com a eleição de Jair Bolsonaro (2018).

Filmar junto às lutas sociais desenvolvidas na capital federal entre 2012 e 2019 implica atravessar e ser atravessado pela conjuntura política de um modo mais amplo. A esse desafio, o documentário responde com uma montagem complexa que articula o desenvolvimento de, pelo menos, três diferentes dimensões da história e suas reverberações: a vida de Edson, o percurso da luta por moradia no DF naquele período e a agudização da crise democrática nacional. Se, como escreveu Didi-Huberman (2017, p. 15), “tempos sombrios são tempos de chumbo”, na medida em que “não só impedem nossa capacidade de ver mais além e, com isso, de desejar, mas são pesados, pesam em nossos ombros, em nossas cabeças, sufocam nossa capacidade de querer e de pensar”, a aliança entre Dácia Ibiapina e o MRP parece potencializar a força disruptiva dos levantes e a potência da elaboração das respostas populares. Como sugeriu Edson Silva na conversa que tivemos, “talvez, através do filme, haja outros levantes de outros povos que venham querer lutar”.

Esta é uma das forças de *Cadê Edson?*: situar a urgência da luta popular (em um país com déficit habitacional de 7,7 milhões de moradias<sup>1</sup>) no quadro da política atual – não de forma explicativa ou causal, mas por meio da elaboração segura de temporalidades na montagem. Imagens de acontecimentos como o já mencionado despejo do Hotel Torre Palace, as manifestações verde-amarelas pró-*impeachment* (da Presidenta Dilma Rousseff, em 2016) ou aquelas favoráveis à eleição de Jair Bolsonaro são justapostas em algumas sequências, mas um acontecimento não se reduz ao outro, tampouco é tomado como causa ou explicação do outro: o filme trabalha de maneira coordenada a sugestão de um feixe de relações, convidando o trabalho do espectador.

Em termos de abordagem, não se trata apenas de realizar uma contra-história que confronte as versões hegemônicas, questionando, por exemplo, o modo como a grande mídia vem enquadrando o

<sup>1</sup> O dado é de 2017, e tem como base a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do IBGE. Ver <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2018/05/03/deficit-de-moradias-no-pais-ja-chega-a-77-milhoes.ghtml>. Acesso em: 5 set. 2020

movimento de luta por moradia no DF e suas lideranças. A trajetória de Edson permite ao filme de Dácia, ainda, abordar conflitos internos aos movimentos sociais, expondo as nuances do campo das esquerdas no Brasil: a sua ruptura com o MTST e a criação do MRP criticam o suposto adesismo do movimento à política institucional (ainda nos governos do PT). Conflitos de que Dácia não se esquivava – talvez por seu “fascínio pela dialética”, como ela reconhece, em entrevista a João Paulo Campos<sup>2</sup>: “Eu penso que as contradições humanizam as pessoas e os personagens dos filmes. Ninguém é uma coisa só o tempo todo”.

Entrelaçando a trajetória de Edson aos retratos singulares de muitos outros personagens que dão vida às ocupações, o filme, por outro lado, nos apresenta uma liderança que se constrói na proximidade das suas expectativas, narrativas e vivências. Essa abordagem polifônica, que concede aparições a muitos rostos e escuta a múltiplas vozes, atua no sentido de desmontar sutilmente a criminalização dos militantes que operam as imagens da mídia retomadas na montagem.

Também merece destaque a apropriação das imagens da polícia no filme (caso das aéreas gravadas por drones, trabalhadas na sequência inicial e retomadas no longo trecho que retrata o despejo do Torre Palace). Desviadas do seu propósito original, elas expõem “a *mise-en-scène* grotesca dos agentes do poder”, na expressão de Fábio Filho, dando a ver (inclusive pelo que não mostram) a perversidade de uma operação de guerra em que os “inimigos” são cidadãos brasileiros vulneráveis que lutam por direitos constitucionais. Ainda segundo Fábio Filho, trata-se também de uma “guerra de e por imagens” - outra lição fundamental de *Cadê Edson?*<sup>3</sup> Articulando as imagens provenientes da lente policial ao berimbau da trilha percussiva de Naná Vasconcelos, o filme insere esse episódio de luta e resistência à opressão em uma história e em um imaginário mais abrangentes, que abarcam as lutas populares por liberdade, justiça social e emancipação no Brasil desde a colonização.

Por meio das entrevistas presentes no filme e dos relatos de Edson (em conversas como a que aqui trazemos), a obra e sua circulação

<sup>2</sup> “Eu não sei. Tenho medo” - entrevista Dácia Ibiapina. Zagaia, 04/09/2020. Disponível em: <https://zagaiaemrevista.com.br/eu-nao-sei-tenho-medo-zagaia-em-revista-entrevista-dacia-ibiapina/> Acesso em: 5 set. 2020

<sup>3</sup> “Enquadrando o enquadrador”. Alagoar, 06/02/2020. Disponível em: <http://alagoar.com.br/enquadrar-o-en-quadrador/>. Acesso em: 10 jul. 2020

dão a ver ainda o modo como a violência ilegal do Estado contra os movimentos sociais organizados perpetua uma prática repressiva anticomunista. Seja pelos relatos da tortura e da violência sofridas na prisão, e justificadas por seus operadores como formas de punição aos militantes (“comunistas vagabundos”), seja pelas agressões a eles infligidas ao longo da operação de reintegração de posse, nota-se que o mostrar/não mostrar das forças policiais pretende construir publicamente uma imagem à mesma medida que oculta as suas práticas mais escusas. Revela-se, assim, uma tensão potencial entre as imagens feitas pelos militares com celulares e câmeras acopladas ao corpo ao longo da ação policial (a que temos acesso limitado) e as peças de propaganda da operação produzidas pela polícia e amplamente veiculadas.

Realizada com o uso de drones e outros aparatos profissionais de captação, é evidente o esforço da corporação para realizar uma produção audiovisual que ecoe um discurso triunfalista de vitória militar. Opondo-se ao filme em sua complexidade, parece haver uma continuidade histórica da violência contra grupos organizados e suas ideias progressistas, violência que, sustentada pela retórica do estabelecimento da ordem, segue acontecendo nos porões. Porões das prisões, da história, dos edifícios, mas também das próprias imagens – daquilo que não se vê, a imagem que não circula, as “cinzas” do arquivo, a imagem que queima no contato com o real de que nos fala Didi-Huberman (2012). Ao mesmo tempo em que se promove uma imagem externa de “conquista”, “ordem” e operação organizada, foge-se do enquadramento para torturar durante o despejo, e essa violência prossegue na cadeia sob a forma de perseguição – não se trata de atos abruptos de violência desmedida, mas de práticas que constituem o modo de operar dessas instituições.

Nossa relação com o trabalho de Dácia começou com *Ressurgentes – um filme de ação direta* (2014). Empenhado em apresentar a trajetória de luta de alguns jovens militantes, envolvidos com movimentos autonomistas de Brasília na entrada dos anos 2010, sobretudo no Movimento Passe Livre (MPL), o documentário não só enredava tais trajetórias a outras lutas e movimentos importantes para a cidade naquele momento, como o “Fora Arruda” e o “Santuário não se move”, mas também buscava posicioná-las no contexto de emergência das chamadas Jornadas de Junho de 2013. Entre a abordagem frontal dos

conflitos e a montagem atenta às complexidades históricas que os conectam, o filme indicava caminhos que parecem retornar, com características singulares, em *Cadê Edson?*

Tivemos um primeiro contato com *Cadê Edson?* na Mostra de Tiradentes (2020). Desde lá, o filme não cessou de reverberar. Para prolongar e elaborar o seu impacto, propusemos a Dácia Ibiapina e Edson Francisco da Silva a gravação de uma conversa virtual, realizada em 3 de agosto de 2020, e editada na entrevista que se segue.

---

CLÁUDIA MESQUITA: *Queria começar agradecendo a Dácia e Edson pela disponibilidade e disposição para essa conversa, nesse momento difícil em que estamos. Nós três somos entusiastas do filme. Conhecemos Edson pelo documentário, e depois pudemos vê-lo no debate em Tiradentes, mediado por Aiano. A gente queria desdobrar um pouco mais a conversa... a ideia é termos uma conversa mesmo, bem aberta, sobre o processo do documentário em sua imbricação com as lutas por moradia no DF.*

DÁCIA IBIAPINA: Eu posso contar um pouquinho da história de como eu cheguei a esses movimentos dos sem teto. Foi em 2012, eu estava fazendo *Ressurgentes*, trabalhava com o pessoal do MPL aqui do DF, e fazia pesquisas com eles – fazia entrevistas, fazíamos reuniões. E o MPL apoia muito os outros movimentos sociais aqui. Um dia eles me avisaram que haveria uma ocupação, que não podiam revelar onde era, uma ocupação do MTST, Edson nessa época era do MTST. A ocupação foi marcada para a noite do dia 20 de abril de 2012, pois dia 21 é o aniversário de Brasília, não é? A gente documentou aquela noite em que ocorreu a ocupação, e no dia seguinte eu estava lá novamente com a equipe. E aí conhecemos Edson, trocamos umas ideias. A ocupação Novo Pinheirinho, em Ceilândia, durou 45 dias, e eu fiquei documentando, registrando, filmando, acompanhando até o dia da desocupação. Fiquei bem animada com o material, mas, como eu estava ocupada com o *Ressurgentes*, deixei esse material descansando.

Até que eu comecei a ver nos jornais e na TV que o Edson tinha sido preso, em dezembro de 2015, na Operação Varandas. Ele e a Ilka.

E foi um choque para mim ver como a mídia construiu uma imagem desse pessoal, o Edson, a Ilka e outros companheiros deles que eram acusados de extorquir.<sup>4</sup> E eu falava: “não, esse pessoal eu conheço”. Daí naquela época eu me dei conta de como é fácil você destruir a reputação de alguém ou de um movimento social se você domina os veículos de comunicação. Nessa época em que eles foram presos pela primeira vez, eu falei: “vou retomar, vou acompanhar isso aqui, vou saber o que está acontecendo”. Aí eu já tinha a ideia de fazer um filme que não seria mais sobre aquela ocupação (de Novo Pinheirinho), seria sobre o processo todo de luta dos sem-teto aqui no DF. O filme nasce daí.

*CLÁUDIA – Edson, você poderia contar como foi, do seu ponto de vista, essa aproximação com a equipe de Dácia, com o pessoal do cinema, a começar por Novo Pinheirinho?*

EDSON SILVA – Então, a gente do movimento sabe que a mídia não é nossa aliada, não é nossa amiga, que o que a mídia tradicional normalmente quer é afundar qualquer tipo de levante do povo. E o pessoal do MPL estava sempre com a gente no debate – porque no movimento em que eu atuava (MTST), e agora no movimento em que atuo, o MRP, gostamos disso, que as pessoas que estão nos apoiando sejam de outros movimentos, de outras entidades. Eu considero a Dácia como uma militante, não é uma simples cineasta, enfim, que faz filmes. Então, o MPL tinha falado para nós sobre a Dácia, que ia vir uma equipe, que a Dácia filmava, gostava da história do movimento, que era cineasta, que era professora da UnB e tal. “Ó, vocês estão falando, vocês podem trazer”. Quando ela chegou, nós colocamos a Dácia também para falar na assembleia. Porque tinha um problema

<sup>4</sup> Edson Francisco da Silva, sua companheira Ilka Carvalho e outros integrantes do MRP foram acusados de extorquir cerca de 900 famílias do movimento social que recebiam auxílio moradia. Em audiência na Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, Solange Oliveira, uma das coordenadoras do movimento, denunciou a Operação Varandas, cujo nome faz referência ao edifício onde Edson morava em Taguatinga: “Acreditamos que foi por motivos políticos porque, nos últimos oito meses, ocupamos cinco lugares em Brasília. Nós mexemos com quem não devia, pobres não podem morar no centro da cidade. Forjaram as provas”.

muito sério: toda vez que as pessoas viam a Dácia com a câmera, as próprias famílias do movimento chegavam e falavam: “Ô Edson, pô, a mídia está aqui dentro, essa mídia não presta, não sei o quê e tal”. Então eu tinha que mostrar para o povo que a Dácia era nossa amiga, que a Dácia estava ali fazendo um trabalho que para nós era muito bom, era uma divulgação, era uma prova – nós sabemos que acontecem muitas coisas que, se você não tiver uma mídia, você está lascado, principalmente militante de movimento. Eu fui preso, e se não tivesse uma câmera da minha cunhada na porta de casa, eu tinha sido preso por tráfico de drogas. A polícia ia colocar droga e não colocou porque viu a câmera e eu não fui preso com nada. Então, com o tempo, as pessoas foram gostando da Dácia.

Só que eu quero chegar num ponto que a Dácia falou, “quando eu vi os militantes sendo presos, e a mídia colocando um monte de coisas, coisas absurdas, eu não acreditei. Não, eu conheço esse povo”: isso se dá também da confiança que a gente tem em nossos aliados, de trazer para dentro do nosso acampamento, trazer para dentro do movimento, trazer para dentro dos debates da própria coordenação para as pessoas verem como é o movimento. E quando eu estava preso, aí minha irmã conseguiu entrar e ela falou: “Tem uma mulher lá fora, e me gravou, quer falar com você. Eu não falei nada pra ela, que eu não sei quem é, e está todo mundo falando que você é o demônio de Brasília”. Minha irmã passava e só xingavam ela, tipo a polícia. Ela estava entrando no presídio e os agentes penitenciários iam dizendo: “Ah, você é irmã daquele vagabundo lá, daquele comunista safado, e tudo mais, e tal?”. Eu disse “calma, senta e relaxa”. E comecei a falar com ela: “A Dácia é assim, e tal, e tal”. Quando ela saiu, eu disse: “Se a Dácia quiser falar com você, fala com ela, que ela é nossa parceira”.

*AIANO BEMFICA – Edson, você falou algo que me chamou muito a atenção. Você falou: “Eu vejo a Dácia como uma militante, não como uma simples cineasta”. Aí eu fiquei pensando que, no cinema, às vezes, o cinema militante é tratado como menor. Não sei se Dácia sente isso também... E eu achei bonita a sua fala, porque você coloca de outra forma: “Não, ela não é só uma cineasta, ela é uma militante”, colocando peso nisso. Então queria que você falasse dessa aliança, desse*

*papel do cinema dentro da luta de vocês – e o que faz da Dácia uma militante e não só uma cineasta.*

EDSON – Eu sou um cara que gosta muito de filme, para ser sincero, eu gosto. Principalmente filme documentário, de história real e tudo mais, a gente se identifica. E, como eu falei, essa questão da Dácia ser cineasta e ser cineasta militante para mim é fascinante. Porque com a Dácia a gente não conversa só sobre filmes, nós conversamos sobre outras coisas. Por exemplo, quando eu encontro com a Dácia nós conversamos muito sobre a atual política do país. Nosso filme tem que ser para construir a luta do povo e tudo mais. E a Dácia sabe fazer perfeitamente esse filme, trazer essas questões. E não é fácil para ela fazer esse filme e nem para a equipe dela, porque, como nós somos odiados pela sociedade burguesa... São horas filmando, é um negócio bem cansativo, e ela está sempre naquela disposição de fazer o filme. Ou seja: não é uma cineasta comum.

*CLÁUDIA – Talvez Dácia pudesse falar também sobre como vê essa aliança. Os desafios que a aliança com os movimentos sociais coloca para a documentarista.*

DÁCIA – Eu acho que isso tem a ver, o Edson tem razão no seguinte sentido: que a luta dos movimentos sociais me diz muito respeito também, porque eu nasci na beira de uma lagoa, perto de um sítio. Eu conheço a zona rural, o conflito que meus pais tiveram porque minha mãe queria que a gente estudasse. Meu pai queria que a gente ficasse na roça, porque se a gente não ficasse na roça, não tinha dinheiro. E minha mãe: “não, mas as minhas filhas vão estudar! Eu não pude estudar e elas vão estudar”. E minha mãe venceu. Então não são temas que me sejam estranhos: também me toca muito a desigualdade social que existe no Brasil, o racismo, todo tipo de preconceito, a questão da mulher na sociedade brasileira. Quando eu vejo as pessoas lutando para conseguir, sei lá, um pedaço de terra, uma casa, para conseguir um emprego, eu penso: “poderia ser eu”, a minha trajetória poderia ter me levado a isso aí também. Não levou, mas poderia ter levado. Então eu me identifico profundamente, e aí eu tenho vontade de compartilhar isso e de deixar esses filmes.

Esses filmes, talvez hoje algumas pessoas não percebam que eles



têm importância, mas fica um testemunho de uma época, de uma luta. Hoje eu vejo essa pandemia, eu acho que muita coisa vai mudar. A gente está numa situação política bastante complexa no país – eu não sei o que vai acontecer daqui para frente –, mas, desde que eu comecei, as possibilidades de construção dos movimentos são completamente outras. Esses dias o João Campos me falou: “ó, reví o *Resurgentes* (2014) no Festival Rastro, me deu uma nostalgia. Onde a gente estava, e onde a gente está agora”. E, à medida que o tempo passa, eu acho que esses filmes, não só os meus, todos os filmes que tratam dessas questões, eles dão um testemunho de uma época, de como eram as lutas. As lutas em 2012 e as lutas hoje, e quais são as possibilidades para que a gente possa continuar, para que os movimentos sociais possam continuar as suas lutas. Isso realmente é uma coisa que me toca.

Quanto a mim e a minha equipe, e as equipes de outros documentaristas que também trabalham com movimentos sociais, a gente fica marcado por isso. Policiais começam a ver a gente de outra forma. A questão dos editais, a disputa que a gente tem que encarar. Por exemplo, *Ressurgentes* não foi selecionado pelo Festival de Brasília, não foi selecionado sequer para a Mostra Brasília, que é a mostra dos filmes de Brasília. Então a gente paga um preço por isso. Mas é um preço que tem que ser pago, então faço questão de não abrir mão do tipo de cinema que eu acho que é o cinema que me toca fazer. Eu gosto de fazer esse tipo de cinema e não vou abrir mão disso para poder ter filme no Festival de Brasília.

VINÍCIUS ANDRADE – *Eu queria aproveitar que Dácia falou um pouco da história de vida dela, que eu nunca tinha escutado, e essa parte bonita sobre as pessoas que ela filma, que não são exatamente do seu universo social, mas poderiam ter sido. A gente conversou muito de como é legal no filme em que o retrato do Edson está articulado, ele se mistura com várias histórias de pessoas que estão nas ocupações, inclusive para propor a descriminalização que o filme consegue fazer dos movimentos.*

DÁCIA – Eu não queria fazer um filme só Edson, “ó, meu Deus, a grande liderança do movimento dos sem-teto”... e eu acho que ele é, sim, uma grande liderança. Mas o movimento é muito maior do que

o Edson, ou pelo menos era. E também tem uma outra coisa. Tem uma questão de gênero também. Embora o personagem seja do gênero masculino, o filme é cheio de mulheres, mulheres grávidas, pessoas apaixonadas... Eu tenho vontade também de desconstruir essa imagem de que o militante é só um militante. Não, ele é pai, se apaixonou, ele tem uma vida como todo mundo tem, e eu acho que isso humaniza o militante. E o filme traz as assembleias, a gente acaba se aproximando das pessoas, conhecendo um pouco da trajetória delas. E também tem uma questão, uma pergunta, além de “Cadê Edson?”: por que essas pessoas confiam tanto no Edson e fazem questão de estar perto do Edson? Que eu acho que tem a ver com a forma que ele tem de lidar com as questões. Eu acho que é alguém que as pessoas têm vontade de estar junto e, à medida que você vai mostrando o cotidiano das ocupações, isso vem à tona, de certa forma.

EDSON – Tem essa questão da militância... Os movimentos mais antigos pecam muito, porque, para alguns movimentos antigos, ser militante e ter família é muito ruim. Porque os caras querem os militantes ali militando o tempo todo. E o militante precisa ter família. O militante é uma pessoa, é um ser humano, precisa de família, precisa de filhos, precisa das coisas da vida normal. E a Dácia colocou muito bem, que o movimento é maior do que o Edson. E no filme ela colocou também as famílias no movimento, colocou o dia a dia do movimento, colocou tudo isso até chegar na questão do Torre Palace, naquilo que foi, na verdade, um massacre. Foi um negócio muito difícil, muito duro. O filme é muito difícil de se ver, né? É muito emocionante. Eu me emociono sempre que vejo o filme. A imagem que me deixa mais chocado é a imagem do próprio prédio. A imagem da hora da prisão, eram 16 pessoas dentro do prédio, incluindo crianças. Eles sofreram agressões, agressão psicológica, agressão física. Tem criança daquela época que não consegue falar o nome da polícia. Escuta, tem medo. Vê na rua, corre. Porque elas não apanharam, mas levaram empurrão, foram arrancadas dos braços das mães com muita violência. A polícia tirava a criança do colo da mãe e batia na cara da mãe em frente da criança. Essa imagem ficou na cabeça da criança: ela viu os pais, mãe apanhando, todo mundo apanhando. A Dácia viu como eram as crianças do nosso acampamento, elas se identificam muito com os militantes. Elas vivem conversando com os militantes, brincando com

os militantes, comendo com os militantes, temos uma cozinha comunitária. Então as crianças veem não só o pai ou a mãe apanhando, sendo agredidos, como os militantes, ou qualquer outra pessoa do acampamento, que aquilo vira tipo uma família.

*CLÁUDIA – Dácia, numa entrevista com Vinícius sobre Ressurgentes, você comentava que a sua experiência te levava a apostar que todas as estratégias de abordagem são bem-vindas em um filme. Como o processo começou com o registro da ocupação Novo Pinheiro, gostaria de saber em que momento você percebeu que o filme seria um retrato de Edson, que estaria amparado, narrativamente ao menos, na trajetória dele? Tendo o retrato em vista, quando passou a produzir e recolher outros materiais, produzidos por outras pessoas? Depois podemos falar sobre o uso das imagens da polícia em específico, que merecem sem dúvida um comentário à parte.*

DÁCIA – Quando terminou a ocupação de 2012 em Ceilândia, eu estava bem apaixonada pela temática, pelo o que tinha sido aquela experiência de um mês e meio acompanhando o movimento. Pensei em fazer um curta, na época, com esse material. Se eu tivesse feito, não seria sobre o Edson, com certeza. Mas, depois, o que me fez voltar para esses movimentos foi a prisão dele e dos companheiros em 2015. Houve um racha no MTST, e em função do racha ocorreu a acusação de extorsão, a criminalização que resultou na prisão de Edson e Ilka. E todo o processo de construção do Edson como o homem mais perigoso do DF, enfim, eu achava muito injusto, muito absurdo. A ideia do título, “Cadê Edson?”, vem dessa época da prisão. Edson saiu, mas continuava perseguido pela polícia, passava muito tempo escondido... “Cadê Edson?” – a partir daí, me pareceu inevitável que fosse Edson o protagonista do filme.

E quando eu resolvi retomar a proposta de um filme sobre movimentos em defesa da moradia, comecei a ampliar a pesquisa e procurar reunir materiais, e fui conseguindo alguns materiais. E também *Ressurgentes* me ensinou isso, que os militantes também estão filmando, principalmente dentro das ocupações, dentro das manifestações. Se eu peço e um militante me dá alguns materiais que ele mesmo filmou durante uma manifestação, esse material vai ganhar uma sobrevivência através do filme, porque dificilmente esses

militantes vão manter esse material. Filmou com celular, chegar em casa, descarregar, botar no *pen drive*, arquivar etc... muita coisa se perde. A gente, ao mesmo tempo que é a geração que mais filma, é a geração que menos arquiva. Então, acho que o meu trabalho é uma das contribuições para construir um pouco essa memória, e essa memória utiliza também o olhar do militante dentro do movimento, dentro da ocupação. Eu acho isso fundamental, hoje eu me preocupo muito com essa questão dos arquivos, e de como eles podem desaparecer, e sobrar só os filmes.

E aí, o material mais potente que tem no *Cadê Edson?* é aquele da desocupação do Torre Palace. Aquele material foi feito pela polícia, eles mesmos foram editar seus vídeos para dizer: “Olha, a gente conseguiu, nós somos poderosos”. Foram comemorar através de vídeos no Youtube. Esses dias eu voltei a olhar isso, e tinha no Facebook de um policial: “se você gosta de aventura, se inscreva para entrar para o Exército, entrar para polícia! Venha trabalhar no CIOP<sup>5</sup>, venha ser um de nós”. Eu fiquei chocadíssima com isso. Meu Deus do céu! Eles usam aquelas imagens até para isso, para atrair jovens que, eventualmente, podem se entusiasmar em fazer o que eles fizeram. Então seria interessante que o filme também pudesse circular para que as pessoas pudessem notar o que foi realmente que aconteceu ali: uma covardia, e não um heroísmo.

É uma busca, uma corrida atrás das imagens de arquivo, principalmente imagens de arquivo que não são, digamos, aquilo que foi veiculado no telejornal, mas o material bruto, porque aquele material que é veiculado tem um compromisso com a empresa de comunicação, e tem um compromisso institucional político muito forte. Por exemplo, quando a gente foi filmar na posse do Bolsonaro, 1º de janeiro de 2019, ali era difícil, estava muito policiado. E aí a gente já sabia disso. Entrei em contato com o pessoal do Correio Braziliense e falei: “gente, eu preciso da ajuda de vocês, será que vocês não me incluem na equipe de vocês? Depois eu posso editar um minuto para vocês colocarem no Correio Braziliense on-line... para que eu possa ter um crachá e ter

<sup>5</sup> Presente em alguns estados brasileiros, o CIOP (Centro Integrado de Operações de Segurança) reúne instituições envolvidas no atendimento de emergência na área de segurança pública (Polícia Militar, Corpo de Bombeiros, Polícia Civil) em um mesmo local, através do telefone 190.

acesso”. Isso rolou lá dentro: foi para o chefe, para outro chefe, outro chefe, e a resposta foi não: “você não vai com a gente”. Aí eles foram, e nós fomos por nós mesmos. E o que aconteceu? O cerimonial aprisionou os jornalistas todos num cercadinho que fizeram especialmente para eles, de frente para o palanque onde o Bolsonaro tomou posse, o Hino Nacional, aquela coisa toda – eles ficaram lá presos e nós, que fomos por nós mesmos, ficamos soltos. Então essa corrida atrás dos materiais é uma parte do nosso trabalho também.

*AIANO – Você falou um negócio que me chamou muita atenção, essa coisa da polícia gravando, que é algo muito presente em seu filme, de diferentes maneiras. A gente comentava que, logo no início, em 2012, na ocupação Novo Pinheirinho, tinha um policial com a handcam, e é engraçado porque, em 2016, já tem até drone filmando helicóptero na desocupação. Em uma conversa, certa vez, com Léo Péricles, que é uma importante liderança do Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB), movimento no qual atuo aqui em Minas Gerais, ele falava de uma guerra das imagens. De como, por exemplo, a gente tinha que olhar para as imagens todas que a gente tinha filmado durante um processo de despejo e procurar lá como a gente ia denunciar a violência policial, e a partir disso a gente montava a nossa defesa, imaginando que a polícia, do outro lado, estava fazendo a mesma coisa também – ela iria para a audiência olhando para as imagens dela e procurando como incriminar a gente. Então eu queria entender um pouco de vocês, como, nessa luta que é tão desigual, o trabalho com as imagens pode ser importante.*

DÁCIA – É que a gente está num momento péssimo para brigar por qualquer coisa, por qualquer política pública, mas eu acho que os materiais da polícia deveriam formar um centro de documentação da polícia, onde a gente pudesse ter acesso a eles. E acho também que as audiências dos tribunais tinham que ser registradas com mais qualidade para que a gente pudesse ter acesso a elas. Por exemplo, dependendo do formato em que se dá a captação, esses arquivos teriam que ser tratados, teriam que ser organizados. Na época eu conversei com os advogados que estavam atendendo o Edson, diferentes advogados em diferentes momentos, de 2012 pra cá, porque eu acho que esse filme, *Cadê Edson?*, deveria ser exibido nas audiências dos

processos. Eu espero que eles não cheguem a ir a júri popular por tentativa de assassinato dos policiais que estavam nos helicópteros (na desocupação do Torre Palace), esse é o processo mais terrível que eles respondem, mas, se esse processo andar, eles podem ir ao Tribunal do Júri, e aí eu cheguei até a preparar um pequeno vídeo para os advogados.

Eu acho que esses filmes são importantes para formação da cidadania mesmo, em escola, em universidade. E eles são importantes em cineclubes, importantes de serem arquivados como a memória dos movimentos, a memória das lutas. Acho que a gente não tem muita visibilidade não, principalmente depois do *impeachment* da Dilma, o governo Temer, agora estamos no governo Bolsonaro. Mas acho que uma hora as coisas podem mudar também, né? E os filmes também são importantes para os pesquisadores, para as pessoas que pesquisam a memória, o patrimônio, as questões políticas. Acho que eles têm uma importância muito grande, que não é uma importância midiática, de momento. E esses filmes às vezes são adquiridos por cinematecas fora do Brasil, para terem no acervo. Porque, já que a Cinemateca daqui está ameaçada, é importante que esses filmes estejam em outras cinematecas fora do Brasil. Enfim, é uma longa batalha pela memória audiovisual, ameaçada nesse período em que a gente está vivendo. A gente tem que ficar esperto, senão a gente não vai ter essa memória.

EDSON – Eu acho que o cinema interfere sim, porque é uma história contada, é uma realidade... coloco história, mas, na verdade, é uma realidade, que um grupo viveu, que pessoas viveram, e isso para a nossa história é muito bom. É tipo um acervo, fica guardado ali. Daqui a muito tempo, se o mundo tiver tanto tempo assim – que o mundo está tão doido que talvez acabe bem antes –, talvez as pessoas recorram a esses materiais, esses filmes de luta, de movimento, de levante popular. Apesar de hoje ter muitas imagens por aí, ninguém faz mais nada sem ser gravado, recorra a isso para saber o que aconteceu tal ou tal dia. É como quando as pessoas estudam. As pessoas estudam para passar em concurso, e elas, às vezes, recorrem a livros antigos, histórias antigas para ter uma opinião diferente. Então eu acho que pode, sim, interferir na história da sociedade. Eu acho bem importantes, para falar a verdade, esses filmes.

E talvez, através do filme, haja outros levantes de outros povos que venham querer lutar e estejam um pouco com medo. Porque o filme é isso: o filme assusta um pouco, mas também mostra que é possível fazer. O filme mostra que nós, só com os nossos corpos, ficamos cinco dias travando uma das principais rodovias, não sei o que é aquilo, Eixo Monumental, não sei o que é aquilo.

DÁCIA – Avenida, não é?

EDSON – Uma das principais avenidas de Brasília, ficamos cinco dias travando aquilo ali, para impedir a passagem da tocha olímpica.<sup>6</sup> O pessoal vê o que acontece durante o dia, mas durante a noite era uma batalha com a polícia. Eles tentavam subir e nós não deixávamos. E, durante a remoção, acho que foram 40 minutos, que eles tentaram nos remover dali, com toda a estrutura de guerra que eles tinham, quase mil policiais. Ou seja, isso faz as pessoas terem coragem, e entender que é possível fazer, é possível fazer.

VINÍCIUS – *Edson, a gente estava falando das imagens da polícia, foram imagens que a Dácia conseguiu para o filme. Eu queria saber como você se relaciona com elas, porque, ao mesmo tempo que são imagens feitas pela polícia ou para a polícia, não é exatamente da mesma forma que elas aparecem no filme, não é? Não é igual a imagem da polícia “pura”, sozinha, no Youtube... Imagino que seja um pouco diferente.*

EDSON – A imagem da polícia é importante, a imagem crua, não a imagem editada, porque a imagem que a polícia faz, que ela divulga no vídeo, Facebook, Youtube, são imagens mais editadas, os caras colocam exatamente o que eles querem. E quando a Dácia consegue uma imagem crua, sem corte, sem nada, ela consegue trabalhar a imagem, ela consegue derrubar a versão da polícia. Recentemente, eu estava conversando com um coronel da polícia, da antiga, já brigamos demais com esse cara. Eu não sei de que forma ele conseguiu ver o filme da Dácia, esse cara viu o filme da Dácia! Eu estava

<sup>6</sup> Em 2016, integrantes do MRP impediram que a tocha olímpica passasse no Eixo Monumental antes de chegar ao Estádio Mané Garrincha, impondo um desvio de trajeto. A ação é documentada em *Cadê Edson?*

passando e ele disse: “Chega aí, chega aí”. Era uma atividade que fizemos. “O que foi, coronel? Você ainda está na polícia, falou que ia aposentar, fazendo que porra nessa polícia?” Ele: “Infelizmente, eu gosto da polícia, e tal, e estou tranquilo”. Foi assim exatamente o que ele falou: “Eu vi o vídeo, eu vi o filme de vocês”. “Como?”. “Não sei como, mas eu vi o filme de vocês, foi muito bem feito, com as imagens que a polícia tem, só eu vi aquelas imagens, e está no filme”. Ou seja, não foi nem divulgado. Então é importante, o filme é uma contra-prova das imagens da polícia.

A Dácia, numa fala dela, colocou que é interessante usar, fazer um acervo com todas as imagens que a polícia capta, em qualquer tipo de operação. Aí na minha cabeça já vem aquilo, né?! Se hoje nós conseguíssemos acessar todas as imagens de seis meses atrás, ou de um ano atrás, que a polícia fez nas operações, aquelas imagens que tem os capacetes, tem os coletes, imagens dos celulares dos próprios policiais, imagem de uma viatura, que agora tem uma câmera e tal, aí nós iríamos acabar com a Polícia Militar. Porque imagina o quanto de atrocidades que tem nas imagens da polícia. Tinha policiais no Torre Palace que reprimiam o próprio companheiro: “Para de filmar com o celular, porra. Esse celular pode mandar o vídeo errado, essas imagens vão aparecer e nós estamos fodidos, vamos ser mandados embora”. Aí eu falava: “Então o que vocês fazem, vocês estão sabendo que é errado?”.

Imagina, mesmo se as autoridades daqui não dessem atenção, outros países poderiam dar atenção às imagens, porque o que os policiais fazem na periferia... Como a Dácia diz, aqui em Brasília eles tentam esconder tudo. Então eu acho bem válido usar essas imagens para contar a história de verdade, a verdade da história. Isso é bem interessante no filme, porque mostra o que aconteceu, algumas coisas que passamos lá dentro. No filme há também muitas imagens da Raissa, que é do MPL, e que estava no hotel em frente ao Torre Palace. Inclusive acho que a imagem que me fez ser solto, Dácia, é da Raissa. Eu estava preso porque fui acusado de estar no topo do prédio jogando pedras e bombas nos helicópteros.<sup>7</sup> Mas eu fui o primeiro

<sup>7</sup> Para incriminar Edson, a polícia o acusava de tentativa de homicídio contra os policiais que estavam nos helicópteros. Alegavam que Edson e os militantes que estavam no terraço pretendiam lançar pedras para derrubar os helicópteros e, em consequência, matar os policiais.



a ser preso, na laje do prédio. Todos os policiais afirmaram aquilo. E uma das imagens da Raissa mostra que eu fui preso no 14º andar, ou seja: a imagem prova que a polícia estava mentindo, que eu não fui preso lá em cima, eu fui preso lá embaixo. E, através dessa imagem, o juiz resolveu me soltar. No início da audiência, eu falei para o juiz, falei para o promotor: “Nós vamos provar que a polícia está mentindo, é tudo mentira o que eles estão falando”. E conseguimos provar isso. E aí o juiz: “Realmente, você está correto”.

As imagens da polícia também foram importantes porque mostra... a comemoração da polícia é um negócio... pelo amor de Deus! A secretária de Segurança falando que, dessa vez, o que prevaleceu foi a inteligência da polícia, foi a estratégia da polícia. Pô, a polícia estava removendo de um prédio alguns poucos sem-teto, a maioria... eu acho que única formada lá era a Ilka, o resto ninguém era formado. Então, que estratégia os sem-teto tinham ali, comparado à estratégia da polícia? Comparado com a estrutura da polícia? Eu vou te falar uma coisa, se eu tivesse no prédio a estrutura que a polícia tinha lá embaixo, eles não subiam nem ferrando. E eles falaram: “a estratégia nossa prevaleceu”. E os caras comemorando com a bandeira do Brasil. Aquele coronel Antunes, capitão Antunes, “ah, nós vamos tirar, isso e aquilo outro”. Ou seja, as imagens foram boas por isso. Aquela imagem é patética, a imagem deles comemorando.

DÁCIA – Eu queria falar uma outra coisa em relação à captação de imagem no dia da desocupação pela polícia. Tem um aspecto que eu queria destacar, que é a subjetividade de quem opera a câmera. Então, quem estava fazendo a câmera, quem estava operando o drone, tem uma subjetividade que passa para a tela. Isso eu acho interessante. Assim como eu gosto muito das imagens que são feitas pelo militante no calor da hora, quem é da polícia e está filmando também tem subjetividade, embora pareça que não tem. Aquelas imagens do drone são incríveis.

E queria registrar a questão da Raissa, que eu tinha esquecido de falar. É uma militante do MPL, bem jovem, ali em 2016, 2015, ela estava no MPL há pouco tempo. Então, durante a operação, ela e um colega alugaram uma suíte num hotel que fica em frente ao Torre Palace, e se comunicavam de alguma forma com o pessoal do MPL. Ela gravou com a própria câmera, uma *handcam*, só que eles também

já tinham sido descobertos. E à medida em que iam filmando, iam jogando no Youtube e apagando o material da câmera, dos cartões etc, porque eles estavam com medo de serem presos também. Nessas imagens da Raissa, essa coisa que eu falava sobre a subjetividade fica muito presente, ela estava muito nervosa. As imagens são bem tremidas, ela estava se sentindo ameaçada. Aí, antes de terminar tudo, eles tiveram que descer, pegaram as coisas deles, fugiram do hotel, para poder escapar da polícia. Tem algumas imagens que estão no filme, da desocupação, que são da Raissa.

*CLÁUDIA – Gostaria de tematizar a montagem do filme, que é complexa em vários níveis. Por um lado, pelo modo como situa o que está acontecendo – os processos de ocupação, o despejo, a desocupação violenta – em um quadro mais abrangente. Isso não é feito de maneira didática, explicativa ou causal, mas sim colocando imagens em relação, em contato, na montagem, coordenadamente – ao mesmo tempo situando e sugerindo conexões, e cabe ao espectador estabelecê-las mais precisamente. Então, por exemplo, no prólogo, você já trabalha, paralelamente às imagens do despejo dos ocupantes do Torre Palace, em 2016, as imagens de uma manifestação verde-amarela favorável à prisão de Lula, em abril de 2018, sugerindo conexões. Quanto tempo vocês trabalharam na montagem, e como essa questão do quadro político mais abrangente foi pensada?*

DÁCIA – O processo de montagem é longo e, nesse processo, a minha intenção não é contar a história de uma forma linear, causa e efeito, não. É uma forma de passar um sentimento. Algumas pessoas me acusam naquela parte. Eu uso imagens que eu tiro do contexto das manifestações a favor do governo Bolsonaro, ou anteriores, que eu vinha captando na Esplanada dos Ministérios, como quando houve a votação do habeas corpus do Lula, em 2018. Foram duas votações. A gente foi, e os bolsonaros vieram para a Esplanada. Na véspera do dia da votação eles estavam ali comemorando, parando carro, e a gente foi fazendo aquelas imagens. Depois nós montamos essas imagens no começo do filme, quando Edson e os companheiros dele estão descendo algemados do Hotel Torre Palace, e aí coloco imagens das pessoas comemorando na Esplanada. Claro, eles estavam comemorando uma outra coisa, mas, na realidade, o Estado estava

comemorando através deles a prisão dos militantes. Todos machucados, feridos, saindo do prédio algemados, e o pessoal comemorando. É uma liberdade que eu tomei de montar dessa maneira. Algumas pessoas acham que isso não é correto. Mas a polícia também não é correta (risos). Eu acho que esse era o sentimento.

Aí tem uma outra coisa que eu queria dizer... na montagem, quando a gente começou a trabalhar as imagens dos drones da polícia, do prédio, aquela coisa toda, o sentimento que me vem é de quilombo. Eram pessoas negras que estavam ali. Então tem uma questão racial muito forte nesse filme, como tem muito no *Entorno da Beleza* (2012) também, no concurso de misses: as meninas negras tão lindas não ganham, só ganham as brancas. Por isso que a gente teve a ideia de trazer o berimbau na trilha, porque ali, naquele momento, tinha uma questão racial para nós, era importante trazer a resistência através do berimbau. Aqueles homens negros lá em cima daquele prédio, jogando bombas, os helicópteros – parece, assim, feitores torturando escravizados.

CLÁUDIA – *O filme termina “abrindo-se”, não é? Como surgiu esse final?*  
DÁCIA – A gente fez aquele final várias vezes. Agora a fala do Edson não tinha jeito de sair. Tinha que ser aquela fala. Se seria ele falando no contexto em que fez a fala, se seria ele sentado ali na grama, no dia da posse de Bolsonaro, e finalmente se levantando... a gente também chegou a pensar que o final seria ele sentado na grama, aquele povo trançando, a fala dele em *off*, e quando ele se levanta e caminha em direção à câmera e sai do quadro, o filme terminaria ali. Mas a gente achou que era pessimista... quando ele se levanta, é para seguir na luta. Aí a gente trouxe aquele material de uma tentativa de ocupação da Codhab, a Companhia de Habitação. Eu fiquei muito satisfeita depois que chegamos nessa solução. Não sei o que vocês acharam. Eu queria que tivesse uma ocupação no final, uma luta. Sim, Bolsonaro tomou posse, mas a gente continua na luta.

EDSON – Sobre o final, eu gostei muito. Uma coisa que talvez tenha uma continuidade. E o final foi importante também porque foi a primeira luta depois da prisão. E nós fizemos contra os advogados. Os advogados: “Não vai fazer, não vai fazer”. E eu falei: “Vai fazer, e se for preso, nós vamos fazer essa luta, a Codhab está muito folgada”. Nós

fizemos, não é, e Dácia estava lá, com a equipe, na hora da ocupação. Eu ia ocupar, mas quando chegou perto, uma das que me orientou bem foi a Dácia: “É melhor tu não entrar, é melhor tu ficar de longe, é melhor ficar aqui”. E essa decisão é foda. O militante vive ali no meio fio. Mas essa decisão me livrou da prisão, eu ia ser preso de novo, pra falar a verdade. Porque, um minutinho antes de ocupar, eu decidi não entrar. Entrou o Luiz Henrique, entrou outra pessoa, qualquer um podia entrar – até o Luiz Henrique que foi preso comigo, estava sendo acusado das mesmas coisas que eu – foi, entrou, ocupou, e não foi preso. Um companheiro nosso foi preso, porque quebraram uma vidraça, e ele foi para a delegacia, mas foi solto. E, mesmo assim, eu fui caçado, lembra, Dácia? Fui caçado naquele dia. A polícia chegava com o celular, com uma foto minha, perguntando para o pessoal do estacionamento se eu estava por ali.

DÁCIA – É. Cadê Edson? Cadê esse cara aqui?

EDSON – E a Dácia... foi um negócio muito louco. A Dácia achou um lugar para nós nos escondermos.

DÁCIA – Primeiro eu fico com o Edson no meu carro, a gente dá a volta. Mas, quando apertou a coisa, e começou a ter um monte de viatura, a Universidade de Brasília tem, lá no Setor Comercial Sul, a Casa de Cultura da América Latina. Aí, eu e o Edson fomos ver uma exposição de fotografias na Casa de Cultura, enquanto a situação ali no Setor Comercial Sul se acalmava.

EDSON – Você vê, é uma militante. Tipo uma militante cineasta. Se fosse uma cineasta qualquer, “problema dele, eu quero é filmar ele sendo preso”.

## Referências

- CAMPOS, João Paulo. “Eu não sei. Tenho medo”: Zagaia em Revista entrevista Dácia Ibiapina. 2020. Disponível em: <http://zagaiaemrevista.com.br/eu-nao-sei-tenho-medo-zagaia-em-revista-entrevista-dacia-ibiapina/>. Acesso em: 5 set. 2020.
- CONCEIÇÃO, Ana; BOAS, Bruno Villas. *Déficit de moradias no país já chega a 7,7 milhões*. 2018. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2018/05/03/deficit-de-moradias-no-pais-ja-chega-a-77-milhoes.ghtml>. Acesso em: 15 set. 2020.
- DIDI-HUBERMAN, Georges (Org.). *Levantes*. Edições Sesc: São Paulo, 2017.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. Pós: *Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG*, p. 206-219, 2012.
- RODRIGUES FILHO, Fábio. *Enquadrando o enquadrador*. 2020. Disponível em: <https://alagoar.com.br/enquadrar-o-enquadrador/>. Acesso em: 10 jul. 2020.

## Filmes

- CADÊ Edson? Direção de Dácia Ibiapina. Distrito Federal: Trotoar Serviços Audiovisuais, 2019. DCP (72 min).
- ENTORNO da Beleza. Direção de Dácia Ibiapina. Distrito Federal: Studio Treze e Dácia Ibiapina, 2012. DCP (71 min).
- RESSURGENTES - Um filme de ação direta. Direção de Dácia Ibiapina. Distrito Federal: Trotoar Serviços Audiovisuais e Dácia Ibiapina, 2014. DCP (74 min).